

# A FORMAÇÃO CRISTÃ COMO UMA FORMAÇÃO PARA A HUMANIZAÇÃO

THE CHRISTIAN FORMATION AS A FORMATION FOR HUMANIZATION

LA FORMACIÓN CRISTIANA COMO UNA FORMACIÓN PARA LA HUMANIZACIÓN

Mariana Parise Brandalise Dalsotto\*

<https://orcid.org/0000-0003-4926-6320>

Terciane Ângela Luchese\*\*

<https://orcid.org/0000-0002-6608-9728>

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: DALSTOTTO, M. P. B.; LUCHESE, T. A. A formação cristã como uma formação para a humanização. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 22, p. 1-20, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.22196/rp.v22i0.4572>

**Resumo:** O presente artigo entende a prática catequética como uma prática educacional, relacionando as duas áreas a partir da concepção de ambas como formação humana (e para a humanização). Isto se dá a partir de um estudo bibliográfico que toma como base alguns documentos da Igreja Católica, o referencial teórico freireano e outros autores que permitem entender as diferentes formas e lugares nos quais ocorre a educação. Alguns conceitos do pensamento freireano acerca da educação foram mobilizados, transpondo-os para a catequese, de modo que estes possam ser subsídios para o entendimento desta última como uma prática educacional. Ao abordar os conceitos de conscientização, autonomia, dialogicidade, formação e transformação, a intenção é que estes também contribuam para a reflexão sobre a prática catequética, com a intenção de torná-la uma prática com sentido para os catequizandos. Conclui-se que, somente desta forma, estes poderão formar suas bases para continuar a busca pelo ser mais cristão, que pode refletir na construção de um ser mais humanizado.

**Palavras-chave:** Educação. Formação Cristã. Pensamento freireano.

**Abstract:** This paper seeks to understand the catechetical practice as an educational practice relating the two areas from the conception of both as human formation (and for humanization). This happens from a bibliographical study based on some Catholic Church's documents, the theoretical reference of Paulo Freire, among other authors that allow to understand the different ways and places in which education takes place. Some concepts of Freirean thinking about education were mobilized, transposing them to the catechesis, so that these can be subsidies for the understanding of this last one as an educational

practice. In addressing the concepts of conscientization, autonomy, dialogue, formation and transformation, the aim is that they also contribute to a reflection on the catechetical practice, with the intention to make it a practice with meaning for those to be catechized. It follows that, only in this way, they may form the basis for continuing to look for the *being more* Christian, what can reflect on the building of a *being more* humanized.

**Keywords:** Education. Cristian Formation. Freirean thinking.

**Resumen:** Este artículo comprende la práctica catequética como una práctica educativa, relacionando las dos áreas a partir de la concepción de ambas como formación humana (y para la humanización). Esto está conectado con un estudio bibliográfico a partir de algunos documentos de la Iglesia Católica, el referencial teórico freireano y otros autores que permiten comprender las diferentes formas y lugares en los que se da la educación. Algunos conceptos del pensamiento freireano acerca de la educación se movilizaron, transponiéndolos a la catequesis, de modo que éstos puedan ser subsidios para el entendimiento de esta última como una práctica educativa. Al abordar los conceptos de conscientización, autonomía, dialogicidad, formación y transformación, la intención es que éstos también contribuyan a la reflexión sobre la práctica catequética, con la intención de hacerla una práctica con sentido para los catequizandos. Resulta que, sólo de esta forma éstos podrán formar sus bases para continuar la búsqueda por el ser más cristiano, que puede reflejar en la construcción de un ser más humanizado.

**Palabras clave:** Educación. Formación Cristiana. Pensamiento freireano.

## Considerações iniciais

Este texto tem como objetivo pensar a prática catequética como uma prática educacional e é resultado de uma pesquisa já concluída que buscou relacionar ambas. A educação aqui é entendida como uma prática sociocultural através da qual é possível que o educando perceba o contexto em que está inserido. Segundo Paulo Freire (2000), a educação é um movimento permanente de busca pela significação da realidade (para atuar criticamente nela), pela humanização, pelo *ser mais*. O mesmo autor entende o ser humano como um ser inacabado que, quando consciente de sua inconclusão, pode ir além dela, (re)construindo-se através da educação.

A educação é um processo contínuo que pode ter como agentes educativos variadas instituições e práticas, conforme Libâneo (2004). Esta compreensão permite observar que há múltiplas formas de ensino e aprendizagem, além dos processos escolares (formais). A Igreja Católica, enquanto instituição, promove uma delas através da catequese<sup>1</sup>, a qual é entendida como um processo de iniciação, de formação da base para a vida cristã. O *Directorio Geral para a Catequese*, documento que orienta a concepção e a prática que deve ser realizada por toda a Igreja Católica, toma o “conceito de catequese como escola da fé, como aprendizado e tirocínio de toda a vida cristã” (DGC, n.30)<sup>2</sup> e também enfatiza que a catequese é “a missão evangelizadora da Igreja” (DGC, n. 59). O *Catecismo da Igreja Católica* ainda apresenta este conceito como “o conjunto de esforços empreendidos na Igreja para fazer discípulos” (CIC, n. 4), sendo fundamental na Iniciação Cristã.

Entende-se a catequese como processo de conhecimento da proposta de Jesus Cristo, tendo o propósito de que os sujeitos se insiram na dinâmica da comunidade católica, da mesma forma que a educação é caminho para inserção na sociedade. Vale aqui lembrar que ao relacionar a educação e alguns de seus referenciais com a catequese, tem-se apenas o objetivo de apresentar elementos que poderiam contribuir com as reflexões acerca da prática catequética, na comunidade católica, uma vez que esta é entendida como uma das inúmeras formas de educação existentes na sociedade. Visando abordar reflexões que poderiam ser apoio à prática catequética, de forma alguma entende-se que os valores cristãos precisam ser impostos na sociedade laica.

Ao relacionar as duas áreas apresentadas, busca-se que a catequese possa servir-se do pensamento educacional com o objetivo de subsidiar sua prática para fazer mais sentido na vida dos catequizandos. A proposta do texto se dá, então, em duas vias: (i) pensar a catequese como uma

\* Doutoranda, com bolsa PROSUC/CA-PES, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Período como Visiting Graduate Researcher na Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), com bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da CAPES. Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (2016) e Graduada em Pedagogia pela mesma universidade (2014). E-mail: mpbrandalise@ucs.br

\*\* Doutora em Educação – Linha de Pesquisa Currículo, Cultura e Sociedade, UNISINOS (2008). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001). Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade de Caxias do Sul (1997). Professora da Universidade de Caxias do Sul, atua na graduação e nos Programas de Pós-Graduação em História e no de Pós-Graduação em Educação – Curso de Mestrado e Doutorado. É bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2013. Integra a rede transnacional TRANSFOPRESS (França – Brasil). Lidera o Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM) e participa do grupo de pesquisa Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar. E-mail: taluches@ucs.br

1 Mesmo não sendo o foco deste texto, é importante lembrar que a Igreja teve papel importante, desde a antiguidade, nos processos formativos que inicialmente se davam em orientações (anunciadas através de cartas, Evangelhos, etc. principalmente para a formação da comunidade cristã e após a adesão dos impérios, para a sociedade como um todo) que perpassavam as relações sociais desde a família até a vida em comunidade e atingiram o âmbito das teorias pedagógicas e da escola formal (também orientadas, sistematizadas e ofertadas pela Igreja Católica, focadas no educar-instruir). Especificamente no Brasil, a educação mediada pela Igreja Católica, principalmente através dos Jesuítas, deu início aos processos de educação formal (escolarização, formação de sacerdotes e da elite intelectual). Estudos de Cambi (1999) e Azzi (1978; 1992) podem auxiliar a esclarecer estes aspectos.

2 Como os documentos da Igreja Católica possuem numeração de parágrafos, opta-se por fazer a indicação das citações dos documentos por parágrafos também. Assim, o número que segue após menção a um documento é o número do parágrafo no qual a ideia se encontra.

ação educacional e os processos educativos como formação humana e, a partir disso, (ii) propor um diálogo com o pensamento de Paulo Freire, apresentando alguns de seus conceitos que podem ser relacionados à prática catequética. Para realizar esta proposta, realizou-se um estudo bibliográfico que teve como fonte documentos da Igreja Católica que orientam a catequese e escritos de Paulo Freire ou comentadores de sua obra entre os quais são estabelecidas relações. Além destes, o estudo fez uso do referencial que permite entender a prática catequética como uma prática educacional.

### **Catecumenato como um processo educacional**

Com o passar dos anos, a sociedade, as culturas e as práticas sociais se modificam e com elas todos os conceitos que envolvem as relações sociais. Libâneo (2004) aponta que ocorreu um alargamento do conceito de educação a partir de mudanças da sociedade, as quais diversificaram as relações e, com elas, as atividades educativas. Assim, é possível perceber que ocorrem “ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados em instituições não-escolares” (LIBÂNEO, 2004, p. 27).

Seguindo este pensamento, Freire (2005) entende a educação como uma relação dialógica que acontece entre as pessoas, mediatizadas pelo mundo, no contexto em que se encontram. Considera também, conforme aponta Gadotti (2007a, p. 57), que “o conhecimento é uma construção social” produzido nestas relações dialógicas. O autor afirma, ainda sob a ótica emancipatória do pensamento de Paulo Freire, que “educar é sempre impregnar de sentido todos os atos da nossa vida cotidiana. É entender e transformar o mundo e a si mesmo” (GADOTTI, 2007a, p. 42).

O conceito de educação se coloca, então, como sendo a ação de significar o mundo para poder atuar criticamente nele e, deste modo, “o ‘espaço escolar’ é mais amplo que a escola. Os novos espaços da formação (mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas, sindicatos, teatros, empresas, ONGs, espaço familiar, internet...) alargaram a noção de escola e de sala de aula” (GADOTTI, 2007a, p. 82). No mesmo sentido, Trilla (2008, p. 29) complementa que a “educação é um fenômeno complexo, multiforme, disperso, heterogêneo, permanente e quase onipresente”. A partir disso, a concepção de educação aqui apresentada, toma o sentido de formação humana, que ocorre através da interação entre as pessoas para a significação e transformação da sociedade.

Luchese (2008) considera que, sendo o ser humano um ser social, é através das interações que a sua identidade

é construída e suas possibilidades de atuação na sociedade são percebidas. Disso se segue, então, que a educação é o conjunto das ações, influências e estruturas que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa entre si e com o meio. É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal no sentido de realizar nos sujeitos características de “ser humano” (LIBÂNEO, 2004, p. 30).

O objetivo fundamental da catequese<sup>3</sup>, na comunidade católica, se coloca junto a este pensamento ao apresentar a cultura cristã aos catequizandos para que eles possam refletir sobre suas ações na sociedade tomando-a como referência. A intenção da catequese é que a formação para a fé e para a vida cristã possa contribuir com a formação humana, onde a dimensão da espiritualidade se transforme em uma postura convergente com a ética cristã (também humanizadora). Essa transformação da aprendizagem em ação se dá através da relação indicotomizável entre o dizer e o fazer.

A missão da catequese é apresentar Jesus Cristo aos catequizandos para que, conhecendo-O, eles possam tomá-lo como exemplo engajando-se ativamente na comunidade. Para isso, a catequese pode se valer das teorias educacionais com o intuito de se repensar, buscando que a religião tenha sentido na vida dos catequizandos e que os ritos dos quais eles participam sejam entendidos tornando-se, também, uma aprendizagem contínua.

A catequese pode ser relacionada à educação na medida em que entendemos que esta compreende o conjunto dos processos formativos que ocorrem no meio social, sejam eles intencionais ou não, sistematizados ou não, institucionalizados ou não (LIBÂNEO, 2004). Pode-se considerar a catequese como um momento educacional não-escolar no qual acontecem processos formativos através da convivência em comunidade, bem como dos encontros de formação em que se pode atribuir intenção, sistematização e institucionalização. Segundo Severo (2015, p. 565) a modalidade não-escolar de educação é cada vez mais comum porque conta com processos institucionalizados por diferentes setores sociais, sendo “uma categoria temática que engloba práticas consideradas formativas situadas fora da escola”.

Este processo não-escolar pode ser pensado como informal e não-formal. Os aspectos informais encontrados na catequese dizem respeito às aprendizagens que ocorrem através da relação dos catequizandos com a comunidade católica e com suas famílias em missas e outras atividades comunitárias. Sobre a educação não-formal, Stecanela (2008) comenta que sua estrutura se parece com a da formal, mas tem uma flexibilização dos espaços, tempos e conteúdos. No mesmo sentido, Libâneo (2004, p. 31)

3 No presente artigo não nos propomos a problematizar as práticas, os fazeres e os modos de transmissão que são mobilizados tradicionalmente por catequistas no ensino das doutrinas básicas e preparação dos catequizandos para os sacramentos. Este seria um tema interessante para outra proposta de pesquisa.

toma a educação não-formal como sendo “realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação”. Ainda, Severo (2015) e Trilla (2008) reforçam que esta é uma atividade intencional e sistematizada que se realiza fora do espaço escolar.

Stecanella (2008) e Libâneo (2004) concordam ao explicar que a intencionalidade se pré-estabelece através das especificidades de cada grupo de ensino e torna-se explícita nas ações decorrentes dela. Na prática catequética, a intencionalidade se evidencia no aprendizado da vida cristã e na inserção do catequizando na comunidade católica. A promoção da prática catequética realizada pela Igreja Católica é o que permite considerarmos a catequese como um processo institucionalizado por esta. A sistematização, por sua vez, ocorre por meio das orientações também dadas pela Igreja Católica. Esta apresenta o processo de Iniciação Cristã mediado pela catequese a partir de algumas características fundamentais<sup>4</sup>, estabelecendo um itinerário a ser vivenciado pelos catequizandos numa estrutura gradual e planejada em etapas.

Entende-se, assim, a catequese como uma forma de educação realizada por meio da organização da comunidade cristã, que segue as orientações da Igreja Católica. Devido a isto, a catequese pode se utilizar do pensamento educacional para sua reformulação e aperfeiçoamento. A educação pode auxiliar, num primeiro momento, a perceber que a catequese deve ser voltada para uma prática crítica e consciente na comunidade, como os próprios documentos da Igreja Católica orientam.

Em primeiro lugar, a catequese deve estar voltada para a prática no sentido de que ser cristão, mais do que saber falar, implica saber agir como tal. Segundo ela exige uma prática crítica, pois o cristão deve ser crítico de si mesmo ao deparar-se com as mais diversas situações (como relembra Jesus em diversas passagens bíblicas em que chama a atenção de Seus discípulos para que olhem suas ações antes de julgarem as de outros). Terceiro, a catequese pressupõe uma prática consciente com o intuito de que não se realizem ações ou se tomem decisões pensando em seguir um modelo prescricional, mas tendo o objetivo de dar verdadeiro significado a cada ação, entendendo a importância dela para a humanização.

A catequese deve ser um momento de formação para a humanização e deve, também, tomar Jesus Cristo como exemplo de ser humano crítico, consciente, que luta pela justiça e que é contra a opressão. Desse modo, a Iniciação Cristã pretende que Jesus Cristo possa ser um exemplo. A catequese é pensada como educação para a fé e para a vivência *da* e *na* comunidade e, por isso, ela deve acontecer,

4 Entre elas: Centralidade no Mistério Pascal e Cristocentrismo, iniciação à missão, Bíblia como fonte, Liturgia da Palavra como metodologia, progressividade, integração com a cultura do catequizando, vinculação com ritos Bíblicos e litúrgicos e a vivência na comunidade.

como um ato pedagógico, buscando a conscientização dos catequizandos sobre o que é ser cristão a fim de que estes sejam capazes de agir como tal. No que se segue, toma-se como base o pensamento freireano para apresentar alguns conceitos, tendo a intenção de que estes promovam reflexões sobre a prática catequética.

### **Pensamento freireano: considerações possíveis para a catequese**

O pensamento freireano relaciona-se com a catequese na medida em que se considera a educação como um processo de humanização, que busca a transformação do mundo para que este se torne um lugar mediado por relações dialógicas, amorosas, tolerantes, igualitárias, etc. Este pensamento, junto aos conceitos de diálogo, de autonomia, de teoria e prática indicotimizáveis, de aprendizagem pela convivência e para a atuação na sociedade apresentados por Paulo Freire, abrem possibilidades para inspirar a catequese enquanto prática formativa.

Severo (2015) retoma o pensamento de que vários fatores sociais, políticos e culturais contribuem para o desenvolvimento de práticas formativas que envolvem a educação não-escolar na sociedade. Estes fatores (e suas mudanças) também exigem que essas práticas formativas se transformem, por isso, repensar as práticas educativas (entre elas a catequese) é necessário. Seguindo este raciocínio, Sartori (2008, p. 153) afirma que, de acordo com o pensamento de Freire, o ato pedagógico “se desenvolve num momento histórico datado, situado, perpassado por interesses de classe”. Isto se vincula à ideia de que a cada encontro de catequese se fará uma nova prática, em cada diocese, e mesmo em cada turma serão encontradas diferentes características e, desta forma, deverão ser realizadas, de diferentes maneiras, práticas problematizadoras da realidade, que tenham como objetivo transformá-la.

No mesmo viés, a Igreja Católica aborda em seus documentos<sup>5</sup> a importância de (re)pensar a prática catequética, sugerindo que a inspiração deste processo seja o Catecumenato, a metodologia da formação das primeiras comunidades cristãs. No contexto atual da globalização volta-se ao modelo antigo, retomando vários aspectos importantes para a Iniciação Cristã, como a participação na comunidade, a aproximação com o Evangelho e a Leitura Orante da Palavra, por exemplo. Mas esta volta refere-se a algumas características da catequese que deixam espaço para uma contextualização das práticas conforme a realidade encontrada em cada contexto histórico e geográfico.

Considera-se que a educação deve contribuir para o educando perceber a realidade, significá-la e, a partir dela,

5 O *Diretório Geral para a Catequese, Concílio Vaticano II, Catequese Renovada* e o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* podem ser citados como exemplo de documentos da Igreja Católica que orientam a catequese sob a inspiração Catecumenal.

produzir uma prática crítica e consciente. Isso será possível na medida em que ela seja uma prática problematizadora e emancipatória que se realiza nas relações entre o homem e o mundo e se concretiza com a “construção da consciência” (SARTORI, 2008, p. 153). A educação problematizadora se faz entre o sujeito e o mundo. Dito de outro modo, ela é “um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham” (FREIRE, 2005, p. 82).

A humanização dos educadores e dos educandos é um pressuposto da prática problematizadora e esta prática realizada pela educação contribui para a construção de “um outro mundo possível”, segundo Gadotti (2007b, p. 36). No mesmo sentido, é possível pensar a catequese como contribuinte para a construção deste outro mundo, visto que seu principal objetivo é a atuação dos catequizandos em seu cotidiano enquanto seres cristãos.

Este é um ponto importante que a catequese pode fazer emergir. A formação do ser cristão é, na verdade, a formação do ser humano. Algumas características do ser cristão auxiliariam na construção de um mundo onde fosse mais presente a solidariedade, o perdão, o amor ao próximo, o auxílio aos necessitados, o olhar e a escuta aos oprimidos etc. No entanto, isto só será possível na medida em que a catequese for uma prática que problematize seus conteúdos, fazendo com que os catequizandos possam refletir sobre eles, entendendo-os de forma significativa para adaptá-los na prática e não somente para decorá-los e aplicá-los na catequese.

A partir das reflexões realizadas na catequese sobre ser cristão e tomando a realidade como ponto de partida e chegada das discussões da catequese, os catequizandos poderão pensar numa forma de agir mais humanizada, tomando esta reflexão como base em suas vidas. O momento da catequese, entendido como momento educacional, tem importância fundamental para a construção deste pensamento, pois a educação é o único meio de transformar o mundo, quando contribui para a construção da consciência crítica. Em *Educar para um Outro Mundo Possível*, Gadotti (2007b, p. 38) afirma que,

O mundo é uma construção histórica, humana. Como o mundo foi construído ele pode ser desconstruído e reconstruído. A esperança de mudança não está na autoregulação [...], mas na forma como os seres humanos constroem coletivamente o seu futuro, uma missão histórica da humanidade como um todo e não a missão de um sujeito ou de uma classe social.

Neste sentido, a catequese reconhecida como uma prática educativa pode ser pensada (e repensada) como uma possibilidade de reconstrução inicialmente da comunidade católica e, com isso, da sociedade, para a construção

coletiva de um novo futuro. Por isso, buscando a conscientização dos catequizandos, a catequese seria um auxílio para que eles mesmos, criticamente, possam perceber a necessidade de construir este outro mundo, e que isto é possível através de suas ações diárias. A catequese é um momento de tomar consciência do que é ser cristão e de como seriam as relações ao tomarmos seus pressupostos como norte para nossas ações. A conscientização, em Freire, assume um sentido de comprometimento relacionado à práxis humana. Além da apreensão da realidade, deve haver uma constante reflexão crítica sobre ela. Como afirma Freitas (2008, p. 99), “é através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos”.

Mas para ser de fato este auxílio, a catequese deve ser conduzida de forma libertadora. “O papel da educação libertadora é [...] cultivar a dialética ação-reflexão na busca da concretização histórica de um nível sempre mais elevado de humanização do mundo” (ZITKOSKI, 2008a, p. 216). De modo análogo, o papel da catequese libertadora é contribuir para a formação do ser cristão como um ser humanizado que busca sempre mais proximidade com Jesus Cristo, decidindo livre e conscientemente por tomá-lo como exemplo de ser humano. A catequese pode contribuir para a sociedade na medida em que é entendida como humanização, sendo propagadora do amor ao próximo, da solidariedade, da fraternidade, etc. e entendendo o ser cristão como um modo de ser diferenciado, que contribua para um mundo humanizado, consciente, ético, justo e mais belo para viver, mesmo vivenciando um tempo histórico no qual algumas coisas parecem estar no caminho contrário.

Gadotti (2007b, p. 59) comenta que Paulo Freire pensava através “do ponto de vista do oprimido, do excluído, a partir do qual podemos pensar um novo paradigma humanitário, o sonho de um outro mundo possível, necessário e melhor”. Jesus Cristo também se juntou aos oprimidos, dando-os voz, considerando-os como irmãos e auxiliando-os em suas dificuldades. Fez isso ao mesmo tempo em que não era simplesmente submisso às leis, mas as interpretava criticando os que as utilizavam somente em sua própria vantagem. Buscava, assim, que os opressores olhassem para os oprimidos e agissem em favor deles, quebrando esta dicotomia e considerando a todos de forma única: irmãos merecedores dos mesmos direitos.

Para que a catequese possa mostrar este ideal de cristão que é Jesus Cristo, é importante que os catequizandos sejam capazes de vivenciar certas experiências místicas e religiosas nas missas, celebrações e nos ritos da iniciação significando-os e podendo exercitar o que eles aprendem

nos encontros com a comunidade. Aliás, a catequese não tem sentido se não for pensada na comunidade, com ela e para ela, pois sua intenção é que ser cristão seja a prática da vida das pessoas. Da mesma forma, para Freire, de acordo com Trombetta e Trombetta (2008, p. 228), “é impossível entender o fenômeno educativo sem compreender o ser humano e seu ser no mundo”. A educação precisa ser realizada com as pessoas e para elas, na e a partir da sociedade em que é realizada.

Assim, a catequese deve tomar este pensamento para si configurando-se “como processo, itinerário ou caminho [...] para alcançar a maturidade da fé” (DGC, n. 143). As características da comunidade onde a catequese será ministrada devem ser consideradas tanto na formulação de subsídios que auxiliam nesta prática, quanto no momento mediado pelos catequistas. Neste sentido, a forma com a qual os catequistas, a comunidade e os materiais utilizados na catequese envolvem-se ou não com a realidade dos catequizandos, produzirá a significação do que é ser cristão, tendo, assim, mais ou menos efeito na vida de cada um. Portanto, a educação, bem como a catequese,

orientada para a transformação da sociedade, exige que se parta do contexto concreto/vivido para se chegar ao contexto teórico, o que requer a curiosidade epistemológica, a problematização, a rigorosidade, a criatividade, o diálogo, a vivência da práxis e o protagonismo dos sujeitos (PALUDO, 2008, p. 159).

Enquanto processo de formação humana direcionado para os que fazem parte da comunidade católica, a catequese é entendida também como ação para a transformação de sujeitos inacabados que são capazes de aprender e, com isso, reconstruírem-se e constituírem-se como cristãos. O objetivo é que estes sujeitos participantes e construtores da prática educativa catequética comprometam-se em novas práticas sociais, buscando a transformação da realidade. Para Streck, Redin e Zitkoski (2008, p. 20), Freire “destaca a importância e viabilidade do processo educativo humanizador e sua relação direta com o desafio da práxis social transformadora”.

É importante frisar que, na catequese, isso só será possível mediante uma prática efetiva, uma verdadeira mobilização dos catequistas (bem como da comunidade que acolhe este processo de iniciação cristã) para que todo este movimento ganhe vida. E, além disso, é necessária uma mobilização maior ainda dos catequizandos, para que possam confrontar por meio de sua prática o individualismo, o egoísmo, a competitividade, a exclusão e a injustiça social que estão postos na sociedade contemporânea.

Retomando o pensamento de que somos seres inacabados e de que “nenhum humano é jamais tudo o que pode ser, pois há sempre mais a saber, a amar e a fazer” (TROMBETTA; TROMBETTA, 2008, p. 228), entende-se que ser cristão também é uma construção constante. A nossa constituição enquanto seres humanos ocorre continuamente ao longo de nossa vida e a construção do ser cristão também ocorre da mesma forma, a partir do repensar de cada ação e da prática em comunidade. De igual modo, a catequese poderia então ser entendida como promotora do ensinamento cristão na medida em que pode transformar o ser humano, mudar sua ação na comunidade e na sociedade a partir de sua reflexão. Mas a catequese depende também da participação do sujeito como construtor de si mesmo.

Deste modo, é uma prática emancipatória na medida em que, após o período dos encontros e de catequese mais formal, os catequizandos, enquanto cristãos, irão tomar o processo de sua construção em suas próprias mãos e conduzi-lo continuamente a partir das reflexões produzidas neste período. Neste sentido, a concepção do *ser mais* advinda de Freire, explicita a ideia de que o catequizando deverá continuar sua formação como um ser humano cristão, partindo dos subsídios obtidos na catequese.

Esta ideia de que a catequese, assim como a educação, busca auxiliar num processo de construção de sujeitos pensantes, que atuam na comunidade e na sociedade de forma a integrar-se nela, tornando-se assim, sujeitos políticos com ações humanizadoras, pode evidenciar mais fortemente o que está dito no DGC. Este apresenta a catequese como uma ação educativa realizada no contexto das relações com a intenção de que os catequizandos possam colocar-se “ativamente na vida da comunidade” (DGC, n. 220). Assim, a formação para a prática é o objetivo da catequese.

Vale retomar que a conscientização criada nos momentos mediados pelos catequistas, bem como pelos educadores deve promover que os catequizandos e educandos se tornem (re)construtores de si mesmos, continuando este processo mesmo após o período regular de formação. A autonomia dos catequizandos é necessária na medida em que a catequese é um processo permanente e contínuo da mesma forma que a educação o é. O DGC possibilita-nos esta visão sobre a catequese ao afirmar que

Será, portanto, genuína, aquela catequese que ajudar a perceber a ação de Deus ao longo do caminho formativo, favorecendo um clima de escuta, de ação de graças e de oração e, ao mesmo tempo, visar a livre resposta das pessoas, promovendo a participação ativa dos catequizandos (DGC, n. 145).

A autonomia deve ser promovida para que os catequizandos, cotidianamente, decidam a forma com a qual querem agir e, em caso de decidir pelo que aprenderam na Iniciação Cristã, saibam o que fazer para isso. Neste sentido, a catequese é também testemunho e compromisso que só serão realizados na medida em que os catequizandos vivenciarem a Iniciação Cristã, entendendo-a em sua profundidade e agindo a partir de suas aprendizagens. Assim, quando o processo de Iniciação Cristã acompanhado na catequese terminar, os cristãos poderão continuar a sua busca pelo *ser mais* por si mesmos.

A autonomia permite que o catequizando, assim como o educando, possa continuar sua busca pelo *ser mais*, partindo da conscientização inicialmente realizada na catequese e da ideia de que o ser humano é um ser em construção. Enquanto seres humanos somos seres em construção e, os cristãos, enquanto tais, precisam também dar continuidade à formação recebida na catequese para buscarem o ideal do ser cristão.

Para Freire, o ser humano, assim como todos os seres da natureza, é incompleto, mas sua diferença é a consciência de sua inconclusão, inacabamento e incompletude que o impulsiona para a busca do *ser mais*. A consciência do inacabamento gera a esperança do *ser mais*, pois provoca um “permanente processo de procura e busca” (FREIRE, 2004, p. 273). E a busca por este *ser mais* é realizada pela educação no sentido de que ela é o que possibilita a transformação do ser humano e, por consequência, da sociedade. Ainda segundo Freire (1983), através da esperança, o ser humano, em constante busca, faz e refaz constantemente o seu saber e a si mesmo.

Partindo da busca pelo *ser mais* e do ser humano como único ser capaz de tornar-se consciente de sua inconclusão, a concepção de educação de Freire também leva em consideração a característica da esperança do ser humano, a qual o faz colocar-se no movimento de constante busca por ser melhor, mais justo e assim por diante. Este pensamento “deriva de sua concepção a respeito da singularidade (esperançosa) da natureza humana” (ROMÃO, 2008, p.151). A esperança que a fé cristã proporciona a seus fiéis se relaciona com a esperança do ser humano por *ser mais*, pois é também a esperança dos movimentos de aperfeiçoamento do ser humano e de seu movimento para a paz, a justiça e a democracia.

A educação que possibilita esta esperança e a busca pelo *ser mais* na catequese tem como princípio metodológico a Leitura Orante da Palavra de Deus (Bíblia). Esta tem função importante na catequese, pois remete ao pensamento de que Deus fala a seus filhos, buscando ensiná-los, através de uma linguagem cuidadosa e amorosa.

Querendo falar aos homens como a amigos, Deus manifesta a sua pedagogia, de modo particular, adaptando com solícita providência, a sua Palavra à nossa condição terrena. Isso comporta, para a catequese, a tarefa jamais concluída de encontrar uma linguagem capaz de comunicar a Palavra de Deus [...] (DGC, n. 146).

Na linha desse pensamento, a linguagem utilizada pelos catequistas nos encontros também deve ser acessível para os catequizandos, levando em consideração a realidade deles para apresentar a Palavra. A importância da leitura da palavra evidenciada pelo pensamento freireano pode, em alguma medida, ser relacionada com a importância da leitura da Palavra na prática catequética.

Os documentos da Igreja Católica orientam que a catequese tenha presente a Leitura Orante da Palavra e isto parece estar em consonância com a ideia freireana da leitura da palavra como uma forma de ir além do que se é, como a busca pelo *ser mais*, já comentada. Para a catequese, a leitura da Palavra também possibilita ir além, pois permite conhecer a Deus por meio de Suas palavras. Também é o que permite que o catequizando torne-se cristão, pois por meio delas ele conhecerá o principal exemplo para suas ações (Jesus Cristo). A leitura da Palavra é aquilo que permite dar continuidade à comunidade católica, também como (re) leitura da 'História da Salvação', da história do povo o qual o catequizando faz parte. A leitura da Palavra é, então, um meio pelo qual cada catequizando pode se reconhecer como parte deste povo, seja lendo-a pessoalmente ou na catequese, seja ouvindo-a nas celebrações da sua comunidade, na família, etc.

Pela perspectiva freireana, a leitura da palavra sempre deve ser precedida pela leitura de mundo. Esta, na catequese, refere-se à prática existente na comunidade católica, bem como nos outros contextos que permeiam a vida dos catequizandos. É a aprendizagem realizada através do contexto, da convivência e daquilo que os educandos constroem nas relações que estabelecem com as pessoas e com o mundo. Neste aspecto, ao pensar na catequese, "a tomada de consciência da situação existencial, psicológica, cultural e social do homem, se obtém com os olhos voltados para a fé" (DGC, n. 243). Por isso, a catequese deve levar em consideração esta construção que os catequizandos podem fazer através do contexto, pois ela também é viabilizadora da busca pelo *ser mais* nos encontros de catequese.

A prática catequética deve ser também dialógico-dialética (FREIRE, 2005): um processo de reconstrução coletiva dos saberes dos catequizandos e catequistas realizada através da mediação entre estes e o mundo. Neste sentido, seguindo o pensamento freireano,

a educação apresenta uma dupla dimensão: política e gnosiológica. A dimensão política é a leitura de mundo, e a dimensão gnosiológica é a leitura da palavra, dos conceitos, das categorias, das teorias, das disciplinas, das ciências, enfim, das elaborações humanas anteriormente formuladas. A dimensão política dá os fundamentos da dimensão gnosiológica (de conhecimento). (ROMÃO, 2008, p. 152).

A dimensão política da catequese se constitui, então, na medida em que os catequizandos observam a prática e o testemunho da comunidade católica, passando a fazer parte dela, agindo conforme cristãos. A dimensão gnosiológica, por sua vez, é aquela que confirma o que os catequizandos vivenciam, a qual foi feita a partir da prática comunitária do início do cristianismo e que na catequese é conhecida através da leitura da Palavra. Foi, então, a prática que fundamentou a teoria e esta, atualmente, reavalia constantemente a prática.

Romão (2008, p.152), a partir de Freire, comenta sobre a necessária interação entre prática e teoria “[...] a prática precede e se constitui como princípio fundante da teoria. Esta, por sua vez, dialeticamente, dá novo sentido à prática”. Por isso, a prática da catequese acontece de forma a levar em consideração alguns aspectos das primeiras comunidades, mas também se renova pedagogicamente agregando novidades e transformações que as mudanças temporais produzem nos processos socioculturais.

Esta interação entre prática e teoria leva em consideração as construções já feitas pelos catequizandos. Mas é necessário dar atenção à metodologia utilizada nos encontros de catequese para que, além da prática da Leitura Orante da Palavra, seja estabelecido um espaço para que os conhecimentos de mundo dos catequizandos também possam ser comentados. Desta forma, catequistas e catequizandos poderão fazer relações pertinentes entre suas vidas e a aprendizagem proposta. Este espaço é dado quando há abertura para o diálogo a partir do qual as compreensões se tornam mais significativas, pois permite que os catequizandos participem ativamente da construção que está sendo realizada. A conversa é necessária, pois é uma forma de inserir a cultura dos catequizandos na catequese e esta em suas vidas, facilitando, assim, a compreensão dos textos.

Enquanto processo formativo, a catequese deve preocupar-se com a forma com a qual propõe as reflexões que vão indicar aos catequizandos o que é ser cristão, fazendo-os perceberem-se como parte integrante da comunidade. Neste sentido, outros subsídios, além da prática da Leitura Orante, poderiam auxiliar na proposta de significação da Palavra com

o objetivo de que os catequizandos entendam como praticá-la, percebendo também a importância de suas ações na sociedade. Nesse viés, o diálogo possui um papel fundamental para a formação dos catequizandos, pois permite a participação destes nos encontros de catequese e possibilita a conscientização dos mesmos. Assim como explica o DGC (n. 143), a catequese “é uma pedagogia que se insere no ‘diálogo de salvação’ entre Deus e a pessoa e, além de servir a este diálogo, ressalta devidamente a destinação universal de tal salvação”.

O ‘diálogo da salvação’ é conhecido pelos catequizandos durante as leituras indicadas e, por isso, a catequese deve ser um momento que não apenas expõe este Deus que conversa, mas que também concretiza Seu exemplo. Os profetas ‘subiam nas montanhas’ para *conversar* com Deus. Jesus *dialogava* com os que estavam ao seu redor para ensinar. Estes são exemplos para a vida dos catequizandos e também para os encontros de catequese.

Ainda, o DGC (n. 143) comenta que a catequese “radica-se na relação interpessoal e faz próprio o processo de diálogo”, bem como “faz-se pedagogia de sinais, onde se entrelaçam fatos e palavras, ensinamento e experiência”. A forma indicada para mediar um encontro é, então, a conversa entre catequistas e catequizandos por meio da qual é possível relacionar a Palavra ao contexto vivido. A abertura aos outros (a qual possibilita a educação libertadora, e a construção histórica da comunidade) só ocorre com o diálogo, pois a palavra, segundo Freire (2005), apresenta as dimensões da ação e da reflexão e é práxis que visa transformar o mundo.

Recordando o pensamento do mesmo autor e assumindo que a educação é promovida pelas relações dialógicas que perpassam as vivências humanas, entende-se a catequese como um momento de aprendizagem permeado pela convivência. É possível fazer esta relação pensando no diálogo como mediador dos encontros, bem como na participação dos momentos em comunidade. Freire (2005) entende ainda que através de processos dialógicos o homem pode se produzir e reproduzir, e isto torna a educação uma prática libertadora. Assim, a dialogicidade exprime uma postura democrática que toma o “ser como sujeito do seu conhecimento, como sujeito da sua educação” (FREIRE, 2004, p. 36). O educador toma, ainda, a ação dialógica como característica necessária à educação e afirma que, para o humanismo,

não há outro caminho senão a dialogicidade. Para ser autêntico só pode ser dialógico. E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico;

é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade (FREIRE, 1983, p. 43).

A catequese, enquanto formação para a humanização, deve ser um momento dialógico no qual catequistas e catequizandos conversem sobre ser cristão, buscando pensar nas características necessárias para sê-lo. Este cristão, ao buscar os ensinamentos de Jesus Cristo e ao decidir por tomar Suas ações como modelo, pode contribuir para a humanização dos que estão ao seu redor e para a transformação da realidade. Ainda sobre o diálogo, Freire (1983, p. 43) comenta que este “é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”.

É válido recordar que Jesus ensinava por meio de Suas ações e também por meio de palavras, contando parábolas ou falando sobre as Escrituras (de acordo com quem iria ouvi-Lo). Era um diálogo amoroso a partir do qual Jesus, pronunciando a Palavra, buscava transformar a realidade existente na época, dando novas interpretações e novos olhares ao pensamento comum. Estas novas interpretações buscavam a humanização das pessoas, com a intenção de promover entre todos este diálogo de amor. Ao pedir que “vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei” (João, 15, 12), Jesus pede que haja um encontro dialógico entre as pessoas para que elas possam doar-se umas às outras, entendendo-se como irmãs e buscando transformar o mundo para viver em uma comunhão igualitária e de amor.

Freire (2005, p. 91) retoma a abertura para o diálogo como um ato de amor ao dizer que “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens”. Sendo o amor um dos fundamentos da relação de diálogo, a catequese pode fazer com que os catequizandos conheçam este diálogo amoroso, e a melhor forma de fazer isso é possibilitar a sua vivência nos encontros de catequese. Assim, a catequese é eco do “diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa” (DGC, n. 144).

Freire (1983) considera a educação como sendo uma situação dialógica na qual o conteúdo deve ser organizado pelo diálogo entre o educador e o educando, havendo, assim, uma relação dialética da educação com a cultura e buscando que os catequizandos entendam sobre o que se está falando. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 69).

O diálogo é, então, o “encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo” (FREIRE, 2005, p. 91). Neste encontro, se dá a existência humana que é pronunciar e modificar o mundo, pois é na ação-reflexão, na palavra, no trabalho que os homens se constituem, e “através do diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação” (ZITKOSKI, 2008b, p. 130). Através deste encontro de diálogo os homens ganham significação enquanto homens e os catequizandos enquanto cristãos, tornando o diálogo uma exigência existencial e sem o qual não é possível alcançar tal significação.

Um processo interativo e co-participado de criação entre sujeitos necessita estar baseado numa relação de diálogo que, como processo significativo, compartilhado por sujeitos iguais em uma relação também de igualdade, constitui a “essência”, a “estrutura fundamental” e o campo social da educação (BURGOS, 1996, p. 620).

Ainda de acordo com Freire (1983, p. 70), a verdadeira comunicação entre sujeitos está “em sua coparticipação no ato de compreender a significação do significado”. A catequese também busca ser um processo interativo e co-participado de formação de cristãos e, por isso, deve estar atenta para a criação de relações de diálogo. É participando do diálogo que se pode significar a vida cristã. A catequese deve, então, ser uma relação dialógica por meio da qual os catequizandos signifiquem o que é ser cristão para transformar a si mesmos e refletir sobre a transformação do mundo que os cerca.

## **Considerações finais**

Em síntese, neste texto a educação foi entendida como formação para a humanização e a catequese foi entendida como uma prática educacional. Buscou-se apresentar esta relação com o objetivo de promover um repensar da prática catequética. Esta, enquanto formação cristã, deve ser um momento de reflexão, leitura e diálogo que resultem em ações na comunidade e na sociedade. Nisto se dá a importância de que esta prática seja significativa aos catequizandos.

Ao mobilizar a comunidade para, por meio da catequese, pensar a formação cristã, a Igreja Católica também se coloca como promotora de uma formação humana, pois visa auxiliar na construção pessoal dos catequizandos que ali se encontram. Não há dicotomia entre o ser cristão e o

ser humano que se ajuda a formar neste momento. E a intenção é justamente que, enquanto cristãos, os catequizandos possam se expressar por meio de ações que os caracterizem enquanto seres mais humanizados, mais amorosos, mais justos e mais acolhedores em qualquer ação que precisarem realizar também (e principalmente) quando estão “longe” da comunidade católica.

Assim, a catequese pode se valer do pensamento freireano sobre a educação na medida em que este último aponta algumas características necessárias a qualquer prática educativa humanizadora. A proposta deste artigo é oferecer uma visão ainda dissonante das práticas de catequese, em sua maioria, mas que pode contribuir para a construção de materiais pedagógicos que auxiliem nesta prática, bem como para as ações mediadas pelos catequistas, em cada encontro. Esta é uma problematização da prática catequética que, entendida como prática educacional, pode levar em conta alguns fundamentos da educação para reorganizar-se e atingir seus objetivos. As reflexões aqui propostas poderiam ser tomadas como um passo inicial para a criação de alternativas de remodelação da catequese. Abre-se aqui, também, um nicho de possibilidades de outros estudos que pudessem, de forma mais densa, compatibilizar o aspecto dogmático e o aspecto problematizador da catequese, organizando orientações para essas novas possibilidades de práticas.

De qualquer forma, o que é possível concluir é que realizando-se a catequese dialeticamente, relacionando palavra e contexto (a vida dos catequizandos), fomentando a reflexão crítica a partir das leituras, a comunhão com a prática e, assim, a significação da Palavra e dos temas abordados, a catequese poderá fazer mais sentido para os catequizandos. Com isso, as aprendizagens daquele momento poderiam ser presença constante em suas vidas. Se isto se efetivar, a catequese pode também contribuir com a busca pela transformação do mundo e com a construção de um novo mundo possível. Este novo mundo, mais humanizado, deve ser construído através de um novo modo de ser de cada um que o habita, e o modo de ser cristão é uma possibilidade.

## Referências

**BÍBLIA SAGRADA.** Edição Pastoral. São Paulo: Paulus. 1990.

BURGOS, Carlos C. Paulo Freire e as teorias da Comunicação. In: GADOTTI, Moacir (Org). **Paulo Freire: uma biobibliografia.** São Paulo: Cortez, 1996. p. 620-621.

**COMPÊNDIO DO VATICANO II:** constituições, decretos e declarações. 25 ed. VIER, Frei Frederico (coord.). KLOPPENBURG, Frei Boaventura (introdução e índice analítico). Petrópolis, RJ: Vozes, 1966.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Catequese Renovada** Orientações e Conteúdo. 1983 Disponível em: <[http://www.cnbb.org.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=88-26-catequese-renovada-orientacoes-e-conteudo&Itemid=251](http://www.cnbb.org.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=88-26-catequese-renovada-orientacoes-e-conteudo&Itemid=251)>. Acesso em: 01 mar. 2017.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese (DGC)**. 1971. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_17041998\\_directory-for-catechesis\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html)>. Acesso em: 05 fev. 2016.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)**. 7. ed. São Paulo: Paulus. 2011.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância.** São Paulo: Unesp, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Ana L. S. Conscientização. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 99-101.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor:** Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007a.

GADOTTI, Moacir. **Educar para um outro mundo possível.** São Paulo: Publisher Brasil, 2007b.

LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 7.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LUCHESE, Terciane A. Caminhos trilhados e sonhados: o projeto político pedagógico para espaços não-escolares. In: I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR. 2008, Universidade de Caxias do Sul. Anais do I Seminário Nacional de Educação Não-Escolar. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

PALUDO, Conceição. Educação Popular. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 157-159.

ROMÃO, José E. Educação. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 150-152.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 331-333.

SARTORI, Jerônimo. Educação bancária/ educação problematizadora. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 152-154.

SEVERO, José L. R. L. **Educação** não escolar como campo de práticas pedagógicas. Rev. Bras. Estud. Pedagog. vol. 96, n. 244, Brasília, out./dez. 2015.

STECANELA, Nilda. Sair da escola para melhor compreendê-la: trânsitos pelos percursos juvenis não-escolares. In: I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR. 2008, Universidade de Caxias do Sul. **Anais do I Seminário Nacional de Educação Não-Escolar**. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. Paulo Freire: Uma breve cartografia intelectual. In: \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 17-26.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: ARANTES, Valéria Amorin (Org.). **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008. p. 15-58.

TROMBETTA, Luis. C; TROMBETTA, Sergio. Inacabamento. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 228-229.

ZITKOSKI, Jaime J. Humanização/Desumanização. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime

(Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008a. p. 214-216.

ZITKOSKI, Jaime J. Diálogo/Dialogicidade. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008b. p. 130-131.

Enviado em: 20-10-2018  
Aceito em: 28-09-2020  
Publicado em: 30-10-2020